Quando já não há tempo de reparar

Ao encarnar, recebemos mais do que um corpo e um tempo de permanência na Terra. Recebemos a possibilidade de trabalhar sobre aquilo que somos, de enfrentar nossas imperfeições e de construir, nas relações humanas, uma história que não precise ser escondida da própria consciência. A vida nos oferece encontros, responsabilidades e oportunidades de reparação, mas não realiza por nós o trabalho que nos cabe. Podemos atravessar décadas cercados de ensinamentos e terminar a caminhada tendo aprendido muito pouco, sobretudo quando usamos a inteligência para justificar o que deveríamos ter coragem de corrigir.

Errar faz parte da nossa condição, e a compreensão espírita da existência nos convida a reconhecer o erro sem nos condenarmos à imobilidade. Entretanto, há uma distância moral entre quem falha e procura reparar e quem transforma a própria falha em hábito, desculpa ou método. Nem tudo pode ser atribuído à fraqueza, ao sofrimento ou às dificuldades da vida. Há momentos em que sabemos perfeitamente que estamos ferindo alguém e continuamos porque isso nos favorece. Nesses momentos, precisamos abandonar a indulgência interessada com que julgamos a nós mesmos e chamar nossas escolhas pelo nome que merecem.

A ingratidão costuma crescer nesse terreno. Primeiro, a pessoa se acostuma ao cuidado que recebe; depois, passa a considerá-lo uma obrigação; por fim, sente-se autorizada a desprezar quem a sustentou nos dias difíceis. Esquece a mão que lhe amparou a queda, diminui os sacrifícios que lhe permitiram prosseguir e, às vezes, chega a ferir justamente quem lhe ofereceu abrigo. Há uma pobreza íntima nessa conduta que nenhuma conquista material consegue disfarçar. Quem precisa apagar o bem recebido para se sentir maior ainda não compreendeu a própria pequenez.

Ser grato não significa viver submetido a alguém, nem aceitar injustiças em nome de favores antigos. Significa reconhecer, com honestidade, que ninguém constrói a própria caminhada sozinho. Houve pessoas que nos deram tempo, paciência, recursos e afeto quando pouco tínhamos a oferecer. Esse reconhecimento deveria nos tornar mais responsáveis com os outros. Quando ele desaparece, corremos o risco de tratar pessoas como instrumentos: úteis enquanto nos servem, descartáveis quando passam a exigir de nós consideração.

Sob a perspectiva espírita, as consequências de nossas atitudes não se encerram na aparência de vitória que conseguimos produzir. Podemos convencer os outros, alterar a narrativa e ocupar o lugar de vítimas em histórias nas quais fomos os responsáveis pela dor. Ainda assim, carregamos aquilo que fizemos. O êxito de uma mentira não a transforma em verdade, e o silêncio de quem foi ferido não nos absolve. Muitas pessoas se calam porque estão exaustas, porque perderam a esperança de serem compreendidas ou porque finalmente decidiram proteger a própria paz.

É nesse ponto que uma nova ação errada pode se tornar a gota d’água. Para quem a pratica, talvez pareça apenas mais uma palavra cruel, mais uma promessa

descumprida ou mais um gesto de desprezo. Para quem a recebe, pode representar o limite de uma longa história de tolerância. A ruptura raramente começa no último episódio; começa muito antes, nas pequenas violações que foram sendo suportadas em nome do amor, da família, da amizade ou da esperança de mudança. Quando o vínculo se rompe, surpreende-se quem nunca quis perceber quanto vinha consumindo da confiança alheia.

Perdoar não obriga ninguém a permanecer disponível para ser novamente maltratado. A caridade também pode se expressar num limite firme, que interrompe a agressão e devolve ao agressor a responsabilidade por seus atos. Quem confunde bondade com consentimento acaba acreditando que sempre haverá alguém disposto a absorver as consequências de sua conduta. A vida, porém, pode nos colocar diante de uma porta que já não se abre, e então a ausência começa a ensinar aquilo que a presença tentou ensinar durante anos.

Também a encarnação tem seu termo, embora vivamos como se o tempo estivesse obrigado a esperar por nossa disposição de mudar. Adiamos a conversa necessária, a restituição devida, o pedido de perdão e o gesto de gratidão. Enquanto isso, continuamos agindo como sempre, amparados pela suposição de que um dia faremos melhor. Mas há pessoas que partem antes desse dia, relações que não resistem até ele e circunstâncias que deixam de existir. A continuidade da vida espiritual não torna recuperável cada oportunidade que desperdiçamos na Terra.

Na compreensão espírita, a possibilidade de progresso permanece, mas isso não diminui a seriedade da oportunidade presente. Terminar esta caminhada tendo amado menos do que podíamos, ferido mais do que precisávamos e reparado menos do que sabíamos necessário é uma realidade que merece ser enfrentada enquanto ainda podemos agir. O arrependimento tem valor quando nos move; quando apenas nos comove, sem alterar nossa conduta, corre o risco de se tornar outra maneira de nos ocuparmos de nós mesmos, deixando intacta a dor que causamos.

Talvez a pergunta mais honesta não seja quanto tempo ainda temos, mas o que estamos fazendo com o tempo que temos hoje. Ainda podemos reconhecer um cuidado recebido, interromper uma crueldade, devolver o que não nos pertence e procurar alguém sem preparar uma defesa para nossos erros. A construção que nos foi possibilitada pela encarnação acontece nessas decisões concretas. Quando chegar o fim desta passagem, teremos de encarar a vida que efetivamente vivemos, inclusive o bem que sabíamos fazer e, por orgulho, conveniência ou maldade, deixamos para depois.

Renato Gonçalves da Silva
Médium Espírita